# Coleção Alves Câmara

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro,
Secretaria Municipal de Cultura apresentam

# Coleção Alves Câmara

REALIZAÇÃO

DIRETORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E DOCUMENTAÇÃO DA MARINHA

ABRIGO DO MARINHEIRO
DEPARTAMENTO CULTURAL

Juntos Podemos+
Abrigo do Marinheiro,
O mar de benefícios da Família Naval

PATROCÍNIO

EMGEPRON

Rio PREFEITURA
Cultura

Realização
**Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro**

Diretor do Departamento Cultural do Abrigo do Marinheiro
**Fábio Bittencourt Quirino**

Supervisão Técnica
**Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha**

Marinha do Brasil
Comandante da Marinha
**Almirante de Esquadra ILQUES Barbosa Junior**

Secretário-Geral da Marinha
**Almirante de Esquadra Marcos SILVA RODRIGUES**

Diretor do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha
**Vice-Almirante (RM1) José Carlos MATHIAS**

Departamento de Museologia
**Capitão de Corveta(T) Patrícia MIQUILINI Gomes**

Coordenação Técnica
**Capitão de Corveta (T) MIRIAM Benevenute Santos**

Revisão Técnica e pesquisa de Acervo
**Capitão Tenente (T) SABRINA de Rezende Bastos Vilaça Ribeiro Macêdo**
**Suely Teixeira da Silva – COREM 841-I**

Fotografia
**Photo Síntese Fotografia – Jaime Acioli**

Restauração dos Modelos Navais
**Demetrius Hygino Falcão Alves**

# EMBARCAÇÕES BRASILEIRAS E A COLEÇÃO ALVES CÂMARA

“A construção de embarcações típicas brasileiras é um legado recebido pelos carpinteiros navais de seus mestres e ancestrais.

As comunidades de carpinteiros têm suas opiniões consagradas pelo tempo geralmente justificando as formas dos barcos, canoas e jangadas – ‘Foi meu pai quem me ensinou e sei que se não for assim não vai ficar bom’.

O bom significa o funcional, o apropriado para o uso.

Apesar da bibliografia existente, os segredos e as artes da construção naval tipicamente brasileira continuam inexplorados, pois não há registro sistemático deste *know-how* em função do desinteresse dos filhos dos mestres em dar continuidade a uma atividade que não é periódica e, portanto, não é lucrativa.

Outro entrave para a manutenção dos pequenos estaleiros é a dificuldade de se encontrar madeiras adequadas à construção naval. O alto custo destas madeiras, devido à falta de um programa de manutenção de reservas, tem sido talvez o principal inimigo do consumidor solitário – o homem que traz nas mãos segredos e artes que, se não forem preservadas, vão se perder no tempo.”

(Texto de Max Justus Guedes, Contra-Almirante, 1996).

Pensando na importância da manutenção das tradições navais, a DPHDM, fazendo uso de patrocínio por meio de incentivo fiscal do município do Rio de Janeiro, recupera as embarcações que compõem a coleção, com um trabalho de restauro e pesquisa aprimorado e, devolve ao público estas peças tão ímpares da história nacional.

A coleção iniciada pelo Almirante Antônio Alves Câmara, foi completada pelo modelista Kelvin Rothier Duarte no anos de 1970, no então Serviço de Documentação da Marinha, e apresenta 67 modelos navais.

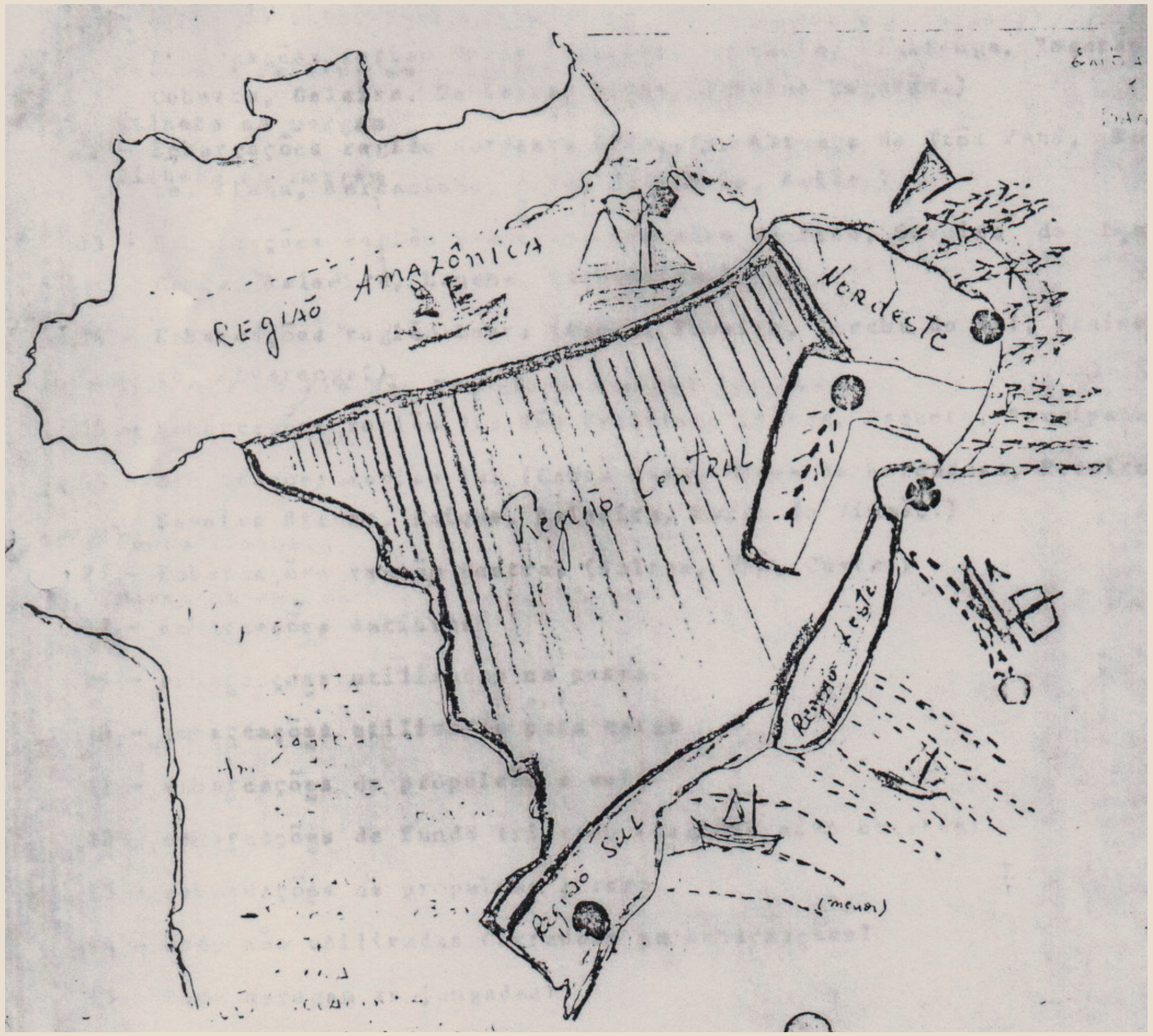
# INTRODUÇÃO

Na segunda metade do século XIX, a população brasileira se fixava ao longo da costa e às margens dos rios. A ocupação interior era dificultada pelas serras próximas à costa e pela densa vegetação tropical. Os portos eram, assim, os principais polos de comunicação entre as comunidades isoladas e o Velho Mundo. As embarcações a vela, a remo e a vara, facilmente construídas pela abundância de madeira, eram responsáveis pelo transporte de gêneros e passageiros.

Essas embarcações, consideradas parte do pitoresco de cada região do país, foram desaparecendo com o surgimento das ferrovias, sendo somente preservadas em regiões mais isoladas, com meios de comunicação escassos.

O Almirante Antônio Alves Câmara publicou, em 1888, o Ensaio sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil, sem dúvida, a mais completa obra sobre o universo das embarcações brasileiras até hoje realizada.

O critério adotado para a divisão deste catálogo não coincide com o convencionado oficialmente, mas sim conforme as peculiaridades das embarcações nele inserido.



# Antônio Alves Câmara

**VICE-ALMIRANTE**

**(1852-1919)**

**Antônio Alves Câmara** nasceu em Salvador, Bahia, a 27 de abril de 1852. Ingressou na Escola Naval em 1868, sendo nomeado guarda-marinha em 1870 e alcançando o posto de Vice-Almirante em 1911. Faleceu a 3 de maio de 1919.

Desempenhou funções de destaque a bordo de navios em que serviu ou comandou ao largo da costa brasileira e em águas estrangeiras. Os embarques pelo litoral brasileiro, o exercício dos cargos de Capitão dos Portos na Paraíba e na Bahia, de inspetor do Arsenal de Marinha da Bahia, e a participação nas campanhas hidrográficas efetuadas nestes estados despertaram nele o interesse palas embarcações indígenas que navegavam, em grande número, em nosso litoral, com as quais mantinha permanente contato.

Grande navegador e perfeito conhecedor da costa do Brasil, Antônio Alves Câmara escreveu obras de inestimável valor histórico e literário sobre as embarcações tropicais do Brasil, e construiu um riquíssimo museu particular com numerosos modelos dessas embarcações, que começou a formar como aspirante.

A Coleção Alves Câmara transferida do Museu Nacional da Quinta da Boa Vista para o Serviço de Documentação da Marinha foi totalmente restaurada e será apresentada aqui neste catálogo para deleite do público.

# Kelvin de Palmer Rothier Duarte

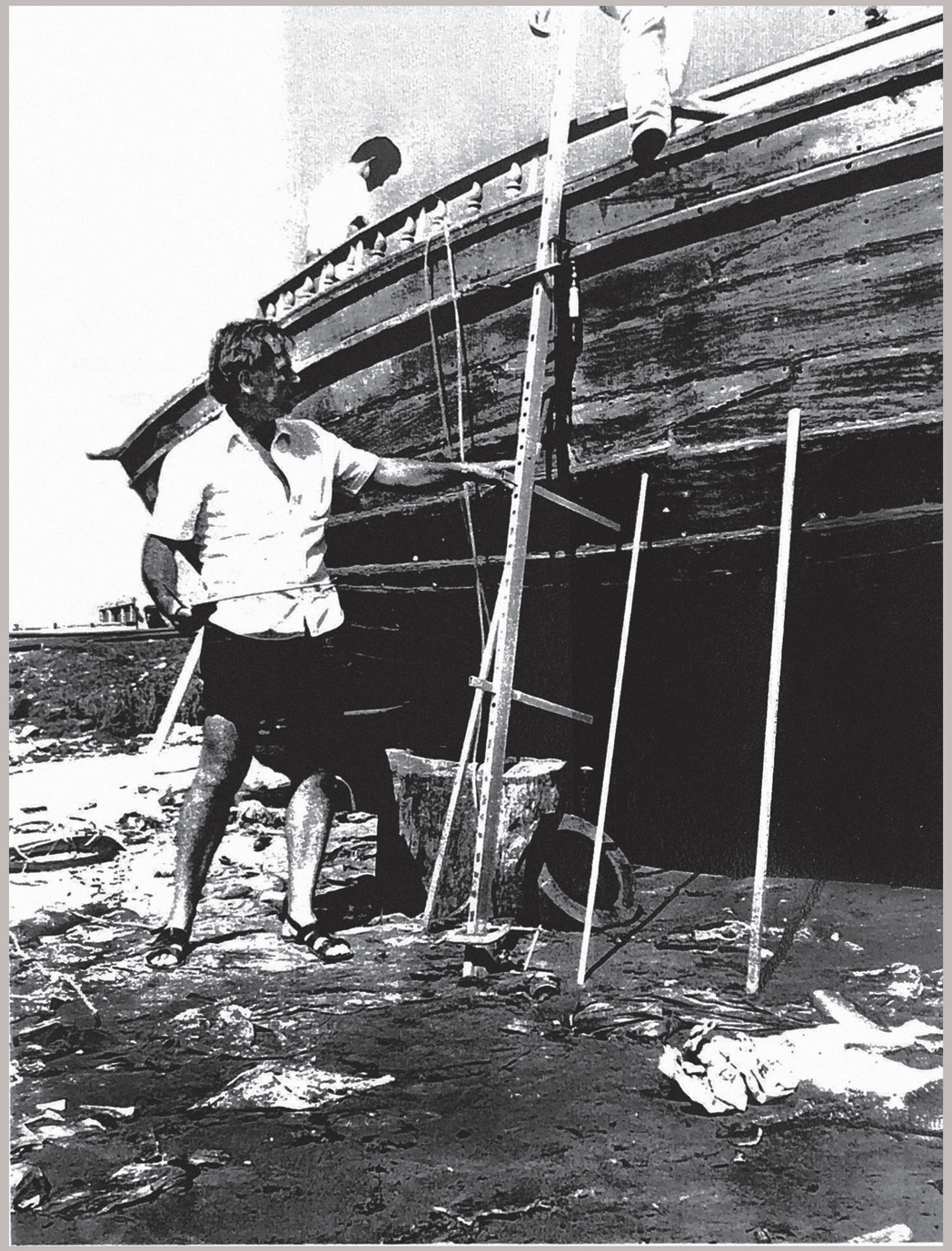
**Modelista Naval**

**(1930-1995)**

Dedicou a maior parte de sua vida ao estudo da História da Navegação, da qual era profundo conhecedor, e à pesquisa das técnicas de embarcações de madeira. Empenhou-se em organizar uma biblioteca especializada, com mais de três mil volumes, utilizada por seus discípulos e outros pesquisadores. Autodidata, exerceu grande parte de sua atividade profissional no Serviço de Documentação da Marinha, quando teve o primeiro contato com a Coleção Alves Câmara.

Desde a infância interessou-se pelo modelismo naval, tendo construído aos cinco anos um modelo para navegar no Canal de Cabo Frio. Diversos trabalhos de restauração e modelos feitos por ele encontram-se expostos em vários museus brasileiros, assim contribuindo para a conservação da memória naval brasileira. Foi um dos fundadores e um dos principais colaboradores do Museu Nacional do Mar, em São Francisco do Sul (Santa Catarina).

Nesta foto, vemos o modelista Kelvin no Projeto Baía Grande, em São Luís do Maranhão, utilizando instrumento por ele inventado para medir e desenhar as cavernas do barco.



# Região Costa Nordeste

A Região Costa Nordeste se estende do litoral do Piauí até Sergipe, incluindo a bacia do São Francisco.

A costa nordestina, formada por extensas praias em mar aberto, algumas cercadas por recifes e com poucas baías de águas protegidas, é a região dos ventos alísios.

Esta geografia propicia a difusão e preservação do pescador artesanal em sua águas litorâneas fartas de peixes e crustáceos durante todo ano.

Na sua grande extensão, ocorrem diversos tipos de embarcação.
A Jangada, a mais típica das embarcações nordestinas, está em processo de extinção e aos poucos, vai cedendo o seu lugar aos Botes do Ceará. As Barcas desapareceram do Rio São Francisco, restando apenas algumas Canoas e alguns Paquetes. No Recife não se encontram mais as Barcaças e as Alvarengas que há 70 anos lotavam o porto.

Apesar de em menor número, os tipos remanescentes de embarcação do século passado ainda são vistos nas praias e portos da região, trazendo o pescado fresco, como os seus antepassados.

## Saveiro Vela de Pena

Seu nome se deve a sua armação com um ou dois bastardos semelhantes aos das caravelas portuguesas. É utilizada na pesca e transporte de passageiros, entre Salvador e Itaparica ou outras localidades menores do Recôncavo Baiano,e, principalmente nos passeios em alto-mar.

N° de inventário: 0547
Data/período: séc. XX, cerca de 1908
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Canoa de Embono

Embarcação usada na região Nordeste do séc. XIX até início do séc. XX, no transporte de material de construção, lenha, etc., principalmente em Pernambuco, fazendo navegação fluvial e ao longo da costa. Foi antecessora das barcacinhas.

N° de inventário: 0532
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Canoa do Nordeste

Embarcação utilizada desde o século XVIII, na pesca e travessia das lagoas e no litoral de Alagoas e Sergipe. Muitas já utilizam motores.

N° de inventário: 0498
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Barca do Rio São Francisco

Embarcação utilizada, até meados do século XX, no transporte de cargas e comércio ribeirinho, no alto São Francisco, entre Juazeiro e Pirapora.

N° de inventário: 0529
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Curso de modelismo naval – SDM
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e pão com manteiga

## Canoa ou Coxo

Embarcação utilizada, nos rios do Piauí, para pesca, travessia, transporte de carga e passageiros. Atualmente, já se encontram canoas ou coxos motorizados.

N° de inventário: 0502
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido sem acréscimo

## Canoa Sergipana ou do Rio São Francisco

Até a década de 1940, transportava cargas diversas e passageiros entre Penedo, Propriá e outras localidades de Alagoas e Sergipe. Nas décadas de 1950 e 1960, devido a sua boa velocidade, grande capacidade de carga, baixo custo de construção e tripulação reduzida, a canoa sergipana desbancou as barcas do São Francisco, concorrendo até com os vapores. Hoje, ainda navegam no baixo São Francisco em número reduzido.

N° de inventário: 0530
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Bote do Ceará

Embarcação utilizada no Ceará, entre os séculos XVII e XIX. Surgiu na medida em que a jangada nordestina perdia a sua função. Utilizada na pesca litorânea, inclusive da lagosta.

N° de inventário: 0521
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido

## Bote do Ceará

Embarcação utilizada desde o meado do século XX, na costa nordeste, para pesca em alto mar. Foi construída para substituir as jangadas, devido à escassez de piúba. Oferece mais conforto, segurança e permite maior permanência no mar, devido a urna que comporta. Outrora com propulsão à vela, atualmente estão motorizadas.

N° de inventário: 0522
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e pão com manteiga

## Bote do Ceará – “Sereno”

Embarcação utilizada na Costa Nordeste, com a mesma função das jangadas, porém com mais conforto. Tanto pode usar vela de pena, como esta, como pode usar vela das jangadas. Herdou das jangadas a âncora chamada fateixa.

N° de inventário: 0523
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Curso de modelismo naval – SGDM
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e pão com manteiga

## Barcacinha

Embarcação utilizada do século XIX até meados do século XX, quando foram extintas. Utilizadas em pequena cabotagem, por toda a Costa Nordeste. Evolução natural das grandes canoas de embono, devido tanto à escassez de árvores de grande porte quanto à necessidade de aumentar a capacidade de carga. Já no declínio, algumas foram motorizadas.

N° de inventário: 0525
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Routhier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e pão com manteiga

## Barcaça de Três Paus

Embarcação utilizada na cabotagem, desde o século XIX, na costa do Nordeste, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte. Acha-se extinta desde meados do século XX. Hoje, as pesadas barcaças de três paus estão ultrapassadas.

N° de inventário: 0526
Data/período: séc. XVIII
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido

**Barcaça de Três Paus – "Vera"**

Embarcação utilizada na cabotagem, desde o século XIX, na costa do Nordeste, de Pernambuco ao Rio Grande do Norte. Acha-se extinta desde o meado do século XX. Hoje, as pesadas barcaças de três paus estão ultrapassadas.

N° de inventário: 0528
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Routhier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e pão com manteiga

## Biana

Embarcação utilizada, a partir do século XX, no Ceará, Piauí e Maranhão, na pesca e travessia de passageiros. Outrora com propulsão à vela, atualmente já aparecerem motorizadas.

N° de inventário: 0519
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e monóxilo

## Biana

Embarcação utilizada, a partir do século XX, no Ceará, Piauí e Maranhão, na pesca e travessia de passageiros. Outrora com propulsão à vela atualmente já aparecerem motorizadas.

N° de inventário: 0520
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Biana

Embarcação utilizada, a partir do século XX, no Ceará, Piauí e Maranhão, na pesca e travessia de passageiros. Outrora com propulsão à vela, atualmente já aparecerem motorizadas.

N° de inventário: 0533
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo chabocado

## Jangada de Tábuas

Embarcação utilizada na pesca de alto mar, a partir do século XVII, no litoral do Nordeste. Foi desenvolvida em face da escassez de piúba e construída com madeiras da região como canela, pau d´arco, louro – madeira utilizada na construção de pau-roliço. Possui as mesmas dimensões e acessórios da jangada convencional.

N° de inventário: 0531
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Garoupeira

Embarcação utilizada na pesca no litoral do arquipélago de Abrolhos – BA, desde o último quartel do século XIX. A tripulação pescava ancorada nos parcéis e, à medida que pescava, salgava o peixe. Por esta razão podia ficar na faina por longos períodos, até lotar o porão. Acha-se atualmente extinta.

N° de inventário: 0554
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Iate

Embarcação utilizada na cabotagem, da costa nordestina atingindo até o Rio Grande do Sul. Acha-se extinta desde o início do século XX. Era parecida com atuais escunas, porém, diferenciava-se na construção do casco.

N° de inventário: 0527
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo chabocado com acréscimos

## Paquête

Embarcação utilizada, até o meado do século XX, em transporte de cargas e de passageiros, nos médio e alto São Francisco.

N° de inventário: 0505
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Jangada de Pau Roliço ou de Piúba

Embarcação mais representativa do Brasil. Seu desenho é reflexo do clima e da geografia da costa nordestina. A construção da jangada era extremamente rápida e barata, porém, sua vida útil é muito curta.

N° de inventário: 0524
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

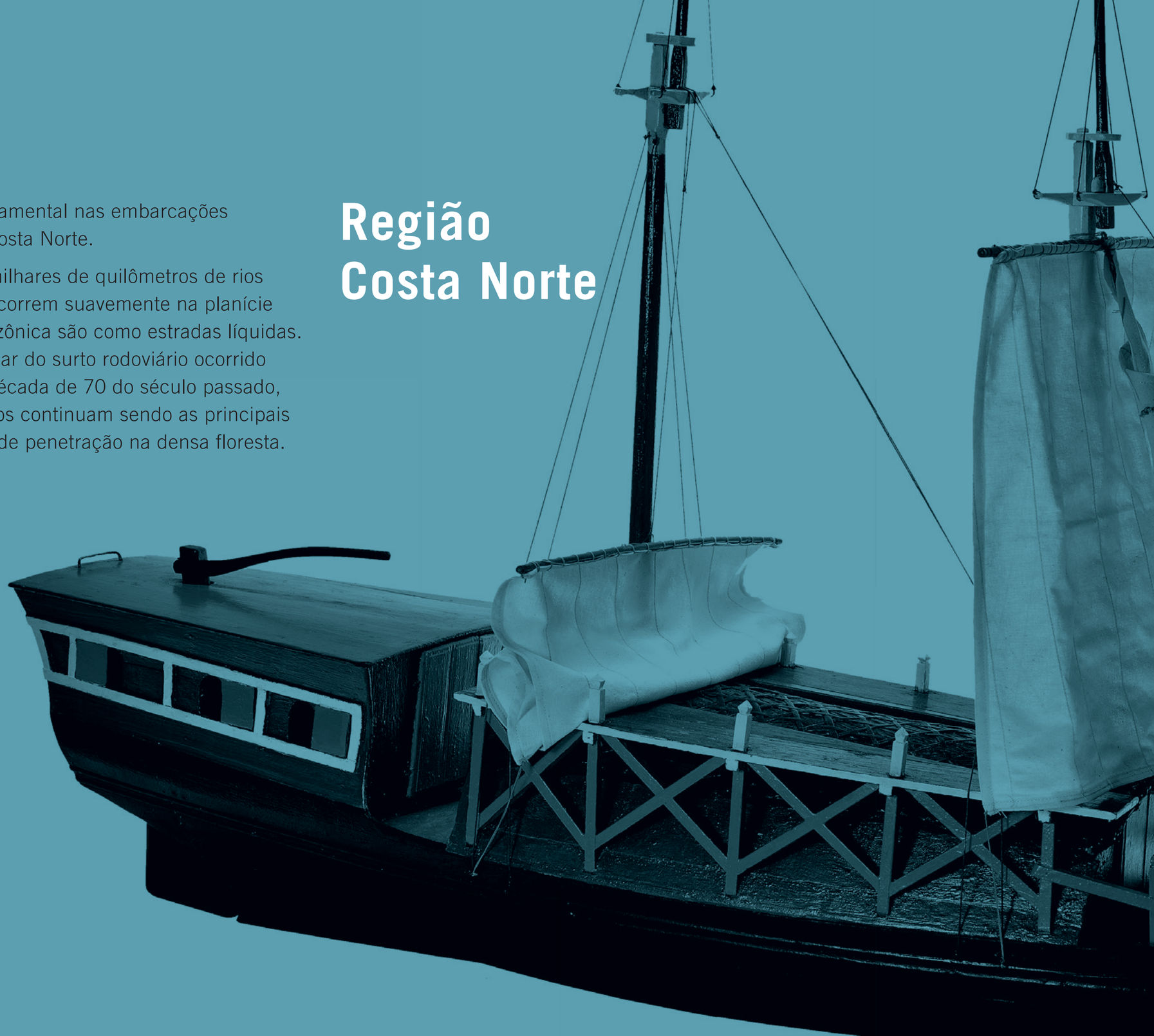
# Região Costa Norte

A Bacia Amazônica e o litoral dos estados do Amapá, Pará e Maranhão formam o que chamamos de Região Costa Norte. Em suas águas, ainda encontramos praticamente inalteradas as mesmas embarcações registradas por Alves Câmara no século XIX. A influência da cultura indígena paralela à grande quantidade e variedade de árvores, de dimensões notáveis, são fatores decisivos nos desenhos das embarcações nessa região.

As velas tingidas em diversos tons de roxo, azul ou preto fazem um espetáculo raro e característico.

Quando surgem fortes rajadas de vento, tão comuns na região, o desarme do velame é feito rapidamente, ajudado pela acentuada inclinação da carangueja – outra característica fundamental nas embarcações da Costa Norte.

Os milhares de quilômetros de rios que correm suavemente na planície amazônica são como estradas líquidas. Apesar do surto rodoviário ocorrido na década de 70 do século passado, os rios continuam sendo as principais vias de penetração na densa floresta.



## Vigilenga

Embarcação utilizada na foz do Amazonas, Rio Pará ou águas Paraenses, a partir do século XIX, na pesca ou transporte de carga ou passageiro. O nome vem da cidade de Vigia, próxima a Belém do Pará, onde as primeiras vigilengas surgiram. A vela tingida para evitar o mofo e a vela latina quadrangular, com carangueja bem repicada, fazem dessa embarcação uma das mais pitorescas da Costa Norte.

N° de inventário: 0518
Data/período: séc XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Canoa Meia-Coberta (Igarité)

Embarcação utilizada para comércio e transporte de passageiros, na bacia amazônica, do século XVI ao XIX. Sofreram modificações no século XX quando receberam motores.

N° de inventário: 0499
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimos, cestaria

## Canoa Meia-Coberta (Igarité)

Embarcação utilizada para comércio e transporte de passageiros, na bacia amazônica, do século XVI ao XIX. Sofreram modificações neste século quando receberam motores.

N° de inventário: 0511
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimos

## Canoa Coberta

Embarcação usada para transportes de gêneros, passageiros e viagens de exploração. A cobertura de vante servia para abrigar a carga e a de ré a tripulação. Existem registros desta embarcação desde o século XVII na bacia amazônica, mas estão extintas nos dias de hoje.

N° de inventário: 0509
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimo

## Canoa Coberta

Embarcação usada para transportes de gêneros, passageiros e viagens de exploração. A cobertura de vante servia para abrigar a carga e a de ré a tripulação. Existem registros desta embarcação desde o século XVII na bacia amazônica, mas estão extintas nos dias de hoje.

N° de inventário: 0516
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria e trançado

## Canoa Kadweu

Embarcação tipicamente indígena encontrada na bacia amazônica até o Rio Paraná (São Paulo e Paraná) utilizada para transporte de pequeno porte. Construídas de um só tronco, seu tamanho é determinado pelo tronco utilizado.

N° de inventário: 0507
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo sem acréscimos

## Montaria

Embarcação utilizada nos rios do planalto central e bacia amazônica, especialmente para navegar em rios com corredeiras.

N° de inventário: 0510
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido sem acréscimo

## Montaria

Embarcação feita de um só tronco, servindo tanto ao pescador solitário quanto para transporte, comércio flutuante e caça (substitui o cavalo nos alagados). Existem registros dessa embarcação desde o século XVII até os dias atuais. É registrada sua presença nos rios do Planalto Central e bacia amazônica, especialmente para navegar em rios corredeiros.

N° de inventário: 0506
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimos

## Montaria – “Vandinho”

Embarcação feita de um só tronco, servindo tanto ao pescador solitário quanto para transporte, comércio flutuante e caça (substitui o cavalo nos alagados). Existem registros dessa embarcação desde o século XVII até os dias atuais. É registrada sua presença nos rios do Planalto Central e bacia amazônica, especialmente para navegar em rios corredeiros.

N° de inventário: 0597
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimos

## Montaria

A colonização portuguesa, com sua tecnologia e necessidades comerciais, impôs diversas modificações à montaria original, surgindo então a maior parte dos barcos típicos da Região Amazônica.

N° de inventário: 0512
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimos

## Montaria

A colonização portuguesa, com sua tecnologia e necessidades comerciais, impôs diversas modificações à montaria original, surgindo então a maior parte dos barcos típicos da Região Amazônica.

N° de inventário: 0514
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimos

## Batelão Regatão

Embarcação encontrada em todos os rios da Bacia amazônica. Destina-se aos regatões (do verbo regatear): troca ou venda de mercadorias – sal, pólvora e outros – às populações ribeirinhas. Outrora, voltavam transportando peles e outros produtos da selva para os grandes centros urbanos da região. Surgiram durante o ciclo da borracha e seu uso expandiu-se no século passado. Atualmente, são também usados como cabarés flutuantes, sendo conhecidas popularmente como Motor ou Gasolina, devido ao uso do motor na propulsão.

N° de inventário: 0508
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimo

## Cúter do Maranhão

Embarcação utilizada na pequena cabotagem, predominando na Baía de São Marcos, no Maranhão, desde o século XVIII, tem suas velas tingidas com casca de mangue, argila ou outros corantes naturais para evitar mofo. O frade tem a forma de cabeça humana, característica talvez única do mundo. É atualmente conhecida como canoa costeira.

N° de inventário: 0497
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimos

## Geleira do Maranhão

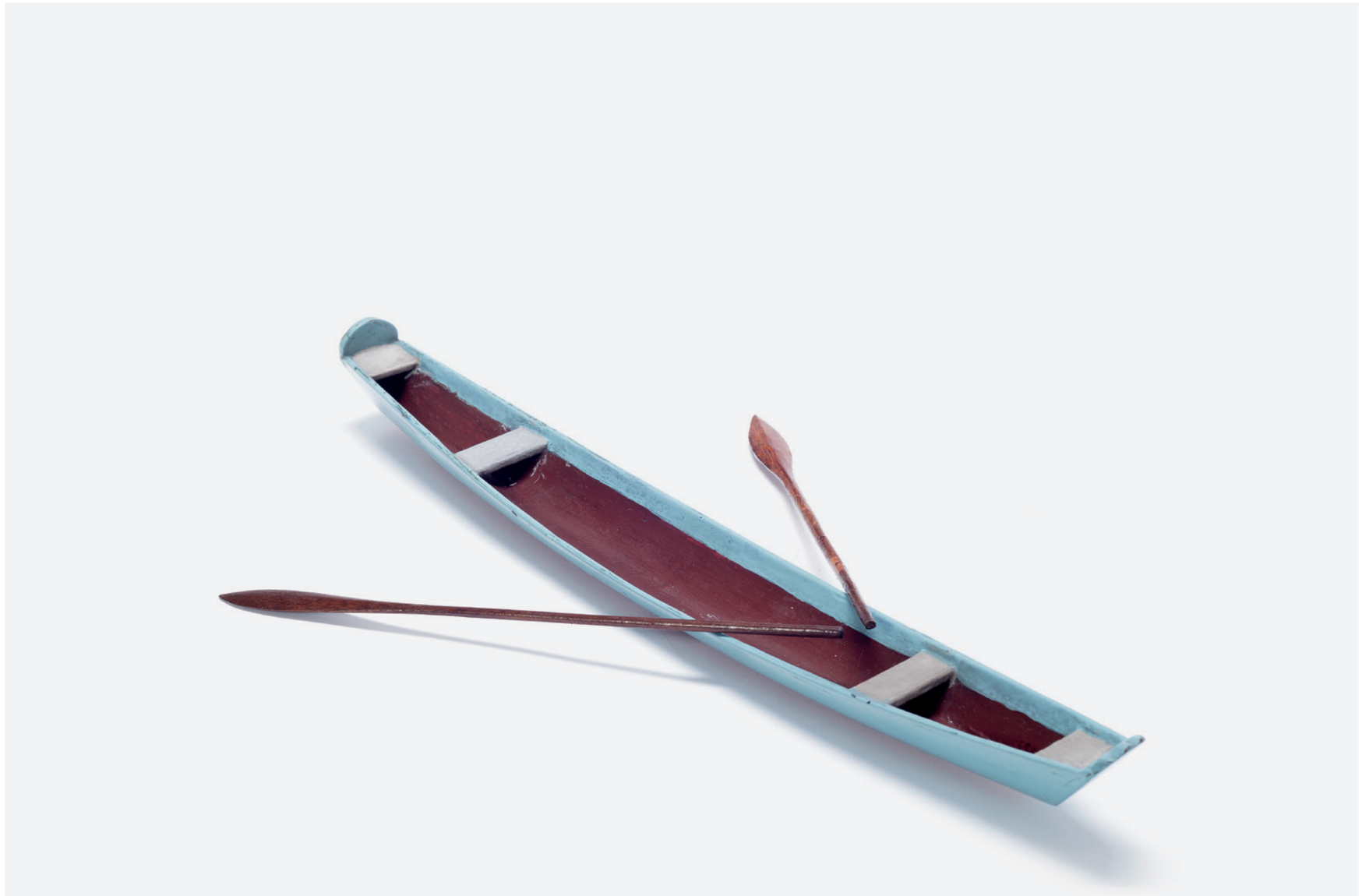
Embarcação utilizada para transportar, em suas câmaras frigoríficas, pescado destinado aos centros comerciais da região. Partem dos portos do Maranhão em busca do pescado capturado em redes, espinhéis ou cercados ao longo do litoral. Tem armação de iate, desenvolve boa velocidade e não exige tripulação numerosa. São conhecidas na região desde o final do século XIX.

N° de inventário: 0517
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo chabocado com acréscimo

## Geleira de Tucunaré

Embarcação utilizada no pequeno comércio e pescaria, sendo equipada com urna de gelo para transporte de pescado.

N° de inventário: 0515
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo chabocado com acréscimo



## Montaria do Rio Amazonas

Embarcação de uso generalizado na bacia amazônica de origem indígena, seu nome vem do Caribe e foi usado pelos europeus desde as viagens de Cristóvão Colombo.

N° de inventário: 0513
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

# Região Costa Leste

Abrangendo a costa norte da Bahia até o Cabo de São Tomé, no Rio de Janeiro, a Região Costa Leste mantém um dos principais e últimos redutos das embarcações utilitárias a vela.

As águas abrigadas, o regime de ventos, a disponibilidade de boa madeira e a grande quantidade de comunidades ribeirinhas e costeiras fizeram do Recôncavo Baiano o cenário perfeito para a pequena navegação.

O isolamento e o conservadorismo que estas comunidades mantêm até hoje, fizeram com que os barcos e as canoas tradicionais sobrevivessem ao tempo. Em menor número, ainda se encontram pequenas e médias embarcações do século XIX, desempenhando as mesmas funções, seja na pesca ou na pequena cabotagem.

De comum nas embarcações baianas é a presença das velas brancas sem tratamento antimofo como nas regiões Norte/Nordeste. Outra característica dos veleiros da região é a carangueja quase na horizontal.

## Canoa da Bahia – Bacuçu

Embarcação utilizada a partir de século XVIII, no Recôncavo baiano em pesca, travessias e pequenas viagens. Possui forte influência indígena e africana.

N° de inventário: 0546
Data/período: cerca de 1908
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Canoa da Bahia

Embarcação utilizada desde o séc. XVII, no Recôncavo Baiano, na pesca e travessia. A forma das canoas baianas é singular, deve ter sofrido forte influência indígena e/ou africana.

N° de inventário: 0544
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo sem acréscimo

## Baleeira

Embarcação utilizada até 1900 no Recôncavo baiano na pesca da baleia. Sua origem remonta ao período filipino, quando os espanhóis trouxeram para o Brasil-colônia, a técnica da pesca da baleia.

N° de inventário: 0555
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimos

## Lancha Bieira

Embarcação utilizada de 1800 até meados de 1950 no recôncavo baiano, no transporte de baritina das jazidas da região de Camamú para a refinaria de Mataripe. Diferia dos barcos da região por ter a popa afilada.

N° de inventário: 0550
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Lancha Rabo de Peixe – “Flores de Inema”

Embarcação largamente empregada até meado do séc. XX no transporte de gêneros para feiras e mercados de Salvador (cacau, fumo, tecidos, etc). Entrou em declínio com o advento do transporte rodoviário e com o aumento das despesas gerado pela legislação trabalhista dos anos 1940. Também conhecida como barco de feira.

N° de inventário: 0551
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: laminado horizontal com acréscimo

## Lancha da Bahia ou Rabo de Peixe

Embarcação também aparentada com as caravelas portuguesas, foi utilizada desde o século XVIII no Recôncavo Baiano, em transporte de gêneros para as feiras e mercados de Salvador; algumas receberam motor, mas acham-se em processo de extinção.

N° de inventário: 0552
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Canoa do Rio de Janeiro

Embarcação empregada na pesca, transporte e travessia de passageiros, nas lagoas e rios do litoral do Estado do Rio de Janeiro, desde o século XVII até os dias de hoje. Também é encontrada no litoral do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, mas está em processo de extinção causado pela escassez da madeira e desinteresse dos pescadores de aprender a técnica de construção. Fazia viagens longas, atualmente, muitas estão motorizadas.

N° de inventário: 0500
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo sem acréscimo

## Alvarenga

Embarcação utilizada desde o séc. XIX. Atualmente extinta. Empregada no transbordo de carga até os navios ao largo dos trapiches, em Recife, Salvador e Rio de Janeiro.
Na Baía de Guanabara, embarcações com características similares recebiam a designação de saveiros.

N° de inventário: 0553
Data/período: séc. XX, cerca de 1908
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Canoa da Bahia – Bacuçú

Embarcação utilizada no Recôncavo Baiano, para transporte de cargas. Era uma variante da barcaça de três paus e, diferenciava-se das demais barcas da região pelo seu aparelho. Acha-se extinta desde meados do século XIX.

N° de inventário: 0545
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido – artesanato primitivo

## Barco do Recôncavo

De origem européia, aparentava-se com as caravelas portuguesas. Era utilizada na pequena cabotagem, transportando produtos rurais do Recôncavo até o porto de Salvador. Extinta desde a década de quarenta do século XX.

N° de inventário: 0548
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Barco do Recôncavo – “Gabriela”

De origem européia, aparentava-se com as caravelas portuguesas. Era utilizada na pequena cabotagem, transportando produtos rurais do Recôncavo até o porto de Salvador. Extinta desde a década de quarenta do século XX.

N° de inventário: 0549
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

# Região Costa Sul

Esta região compreende a costa do Cabo de São Tomé, no Rio de Janeiro, até o extremo sul do Rio Grande do Sul, além das bacias que desaguam ao longo deste percurso.

Ela abrange os estados de maior desenvolvimento econômico e tecnológico do país. Como reflexo da modernização, a introdução de diversas influências européias e norte-americanas colaboraram para que as embarcações de madeira caíssem em desuso mais rapidamente do que no resto do Brasil.

Na costa restam apenas Canoas Rasas e de Bordadura e no interior, as Ubás indígenas e caboclas. As Faluas e as Lanchas do Sal não existem mais, elas apenas representam um passado que se perdeu.

## Canoa de Pesca

Embarcação também usada para transporte de passageiros desde o litoral do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. Atualmente são motorizadas.

N° de inventário: 0537
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Batelão de Cortiçeira

Embarcação utilizada na Lagoa dos Patos, RS, do século XVII ao século XX, em travessias e pesca fluvial. Atualmente, acha-se em extinção, devido à escassez da madeira. Construção de técnica pouco apurada, é também conhecida pela denominação de coxo.

N° de inventário: 0535
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido sem acréscimo

## Caíque

Embarcação utilizada no Rio Grande do Sul, como auxiliar das grandes traineiras e na pesca. É cópia do Dori da pesca do bacalhau, nos bancos da Terra Nova e sul da Groelândia. Eventualmente são motorizados.

N° de inventário: 0536
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Canoa de Bordadura ou de Voga

Embarcação utilizada para pesca e eventualmente para o transporte de passageiros da costa do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. Sua característica especial é o acréscimo, feito ao longo de toda sua extensão, para aumentar a boca, possibilitando maior braço de alavanca do remo, evitando o alagamento ao navegar em mar agitado e aumentando a capacidade de carga.

N° de inventário: 0542
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Baleeira

Utilizada na Costa de Santa Catarina, para pesca da baleia, desde o século XIX. Modificada para receber motor, tem utilização mais abrangente na pesca e transporte de passageiros e pequenas cargas.

N° de inventário: 0539
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Baleeira

Utilizada na Costa de Santa Catarina, para pesca da baleia, desde o século XIX. Modificada para receber motor, tem utilização mais abrangente na pesca e transporte de passageiros e pequenas cargas.

N° de inventário: 0540
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido

## Canoa de Carga

Embarcação empregada na pesca e transporte, com propulsão à vela e remos, desde a Baía de Paranaguá (PR) até a costa de Santa Catarina, durante os séculos XVII e XIX e início do século XX. Atualmente, encontramos canoas de carga já motorizadas.

N° de inventário: 0504
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Canoa

Embarcação utilizada, geralmente, na pesca e pequena cabotagem no sul do país. Atualmente possui motor.

N° de inventário: 0503
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo com acréscimo

## Canoa Grande ou Barca de Viamão

Embarcação de carga para navegação fluvial nos rios que desembocam na Lagoa dos Patos – RS. Sofreu influência européia, apresentando semelhanças com a embarcação inglesa denominada Keel.

N° de inventário: 0534
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: marcenaria

## Canoa de Bordadura

Embarcação utilizada para pesca e eventualmente para o transporte de passageiros da costa do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul. Sua característica especial é o acréscimo, feito ao longo de toda sua extensão, para aumentar a boca, possibilitando maior braço de alavanca do remo, evitar o alagamento ao navegar em mar agitado e aumentar a capacidade de carga. Atualmente são motorizadas.

N° de inventário: 0538
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Traineira – “Rei do Mar”

Embarcação utilizada predominantemente no litoral do Rio de Janeiro, para pesca de rede ou linha, em alto mar. De origem européia, foi sendo modificada pela evolução natural.

N° de inventário: 0543
Data/período: 1974
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Poveiro

Embarcação de pesca em alto mar, originária de Póvoa do Varzim, Portugal, de onde foi trazida por pescadores da região que passaram pelo Brasil. Cabo Frio, Icaraí e Jurujuba, no Rio de Janeiro, foram os mais importantes núcleos desta embarcação, atualmente extinta. Seu tipo de construção permitia o encalhe intencional em praias abrigadas.

N° de inventário: 0501
Data/período: séc. XX
Autoria/fabricação: desconhecida
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica: monóxilo esculpido com acréscimo

## Lancha do Sal – “Cunha Moreira”

Embarcação utilizada entre 1880 e 1950, da Lagoa de Araruama até o porto de Cabo Frio – RJ, no transporte do sal a granel. Atualmente as remanescentes são utilizadas para coleta de conchas nos lagos fluminenses.

N° de inventário: 0541
Data/período: 1980
Autoria/fabricação: Kelvin Rothier Duarte
Procedência: Coleção Alves Câmara
Técnica:laminado horizontal

O Mar

“.. Necessito do mar porque me ensina:
não sei se aprendo música ou consciência...”

**Pablo Neruda**